

O GÊNERO CRÔNICA E OS RESULTADOS DE SUA PRÁTICA EM SALA DE AULA

José Carlos da Costa Júnior¹

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos os resultados de uma aplicação didática do gênero crônica em sala de aula, além de uma discussão sobre a evolução e características desse gênero no Brasil. Essa proposta foi aplicada em uma turma de 9º ano com 28 alunos em uma escola municipal na periferia de Divinópolis, em Minas Gerais. Fundamentamos nossa proposta na concepção de gêneros do discurso de Bakhtin (1992), Koch (2014) e Marcuschi (2008), além de basearmos nosso principal eixo teórico sobre o gênero crônica nas discussões de Candido (1992), Ribas e Domás (2009) e Viegas (2014). Metodologicamente, utilizamos quatro crônicas que serviram de estímulo para a produção textual dos alunos, sendo duas crônicas que consideramos literárias e duas crônicas esportivas. Os resultados mostram que os alunos conseguiram abstrair as principais características dos textos motivadores em nível de estrutura composicional, conteúdo temático e estilo, ainda que a maioria apresente algumas inadequações relacionadas à norma culta do português. Além disso, os resultados sugerem grande aceitação do gênero crônica, tanto das literárias quanto das esportivas. Por essa razão, defendemos que o professor invista em mais transposições desse gênero para sala de aula, além de novas descrições que apurem o entendimento e avaliação desse gênero textual.

Palavras-chave: Crônica; Ensino de Língua Portuguesa; Linguística Aplicada.

THE CHRONICLE GENRE AND THE RESULTS OF ITS PRACTICES IN CLASSROOM

ABSTRACT: The aim of this research is to present and to discuss the results of a didactic sequence of chronicle textual genre applied in a ninth-grade elementary school Portuguese language classroom. Besides, we present a theoretical background about this textual genre such as Candido (1992), Ribas & Domás (2009) and Viegas (2014). We also base our discussion on Bakhtin (1992), Koch (2014) and Marcuschi (2008), in order to describe some features of this genre, such as language and discursive pattern. Methodologically, we use four chronicles, two of which we treat as a literary text and two sport chronicles. The results show that students could draw the main features from the first chronicles we presented concerning structural composition, content, and style, though they show some inadequacies regarding proper standard Portuguese. The results also show a very good public reception of this genre. Hence we encourage teachers to make more of this didactic transposition and we additionally encourage them to make new descriptions in order to improve the conceptions and methods of assessment of this textual genre.

Keywords: Chronicle; Portuguese language teaching; Applied Linguistics.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados de uma transposição didática do gênero crônica em nossa sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental municipal em Divinópolis, no Centro-Oeste de Minas Gerais. Trata-se de uma

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos – UFMG.

escola localizada em uma região de grande vulnerabilidade social da cidade, fato que é mencionado na própria proposta pedagógica do estabelecimento.

Este trabalho se justifica devido à necessidade de registrar uma articulação entre teoria e prática de um gênero textual potencialmente atrativo para um leitor em formação (VIEGAS, 2014). Soma-se a isso a ausência de descrição do gênero crônica nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa (1998), documento norteador do ensino de português na Educação Básica. Também justificamos nossa proposta com as considerações de Ribas e Domás (2009, p. 19), as quais argumentam que as temáticas atuais, personagens comuns, linguagem coloquial e o fato de trazer à tona o anônimo são características que promovem a identificação quase imediata do leitor com o texto. Trata-se de um primeiro passo para que os alunos possam refletir sobre fatos do seu cotidiano e escrever sobre eles, apontam as autoras.

O presente trabalho está organizado como o exposto a seguir: na seção 2, são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam nossa discussão. Nessa parte, resgatamos historicamente a origem e as características do gênero crônica, desde a Idade Média até a contemporaneidade, detalhando seus suportes, estruturação formal, linguística e discursiva mais atuais. Na seção 3, dedicada à metodologia, delineamos nosso paradigma de pesquisa, apresentamos e resumimos as crônicas utilizadas como estímulo para produção textual e descrevemos a atividade proposta aos alunos. Já na seção 4 é feita a análise de algumas produções textuais que selecionamos. Nessa parte, destacamos a estrutura composicional do gênero crônica, além do conteúdo temático, estilo, propósito comunicativo e o domínio discursivo dos textos dos discentes. Por fim, são feitas as considerações finais sobre nossa vivência, na seção 5.

2 Considerações sobre o gênero crônica e sua história no Brasil

Etimologicamente, a palavra crônica se relaciona ao termo grego *chronos*, o qual designava, segundo Ribas e Domás (2009, p. 9), o tempo linearmente concebido. De acordo com as autoras, a palavra *crônica* geralmente se vinculava a uma forma de registrar os acontecimentos históricos, fato que encontra seu ápice no período medieval.

Essa preocupação em relatar os acontecimentos, dessa vez de forma mais subjetiva, também é notória em Pero Vaz de Caminha, como aponta Jorge de Sá (1987). De acordo com Sá, Caminha poderia ser considerado um dos primeiros cronistas em terras americanas, já que

o escriba do rei registra o circunstancial advindo do primeiro contato dos portugueses com os índios “com engenho e arte” (SÁ, 1987, p. 6). Na América de colonização espanhola, Cristóvão Colombo também registra o contato com os indígenas e as impressões do Novo Mundo, como no diário de 12 de outubro de 1492. Esse texto é escrito em forma de diário de navegação, enquanto Caminha optara pela estrutura composicional mais próxima à de uma carta, com um texto dirigido a um interlocutor específico.

Se esses textos de Caminha e Colombo poderiam ser considerados crônicas, apesar de serem, em tese, uma carta e um diário, respectivamente, notamos como a categorização da crônica não é uma dificuldade apenas de textos contemporâneos desse gênero. Nesse caso específico, parece-nos que uma *crônica* se relacionava a um tipo de conceito mais esquemático do que o de um diário ou carta, ainda que cartas e diários fossem gêneros diferentes.

A esse respeito, Neves (1992) afirma que a crônica do período colonial visava à narração dos fatos e circunstâncias com ordenação cronológica, tal como supostamente aconteciam. Já na virada do século XIX para o século XX, o registro dos acontecimentos não desaparece, afirma a autora, mas possui maior subjetividade do narrador. Em convergência com essa ideia de evolução da crônica, Antonio Candido (1992) defende que a crônica foi folhetim antes tomar sua atual configuração. Surgido em meados do século XVIII, esse folhetim era um tipo de artigo de rodapé, o qual trazia informações sociopolíticas e literárias, afirma o autor, tais como as crônicas escritas por José de Alencar no *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855.

Candido afirma ainda que, com o tempo, o folhetim foi diminuindo de tamanho e seu conteúdo ganhando um tom de conversa despretensiosa e gratuidade, como algo sem importância, até encolher um pouco mais o tamanho e assumir um tom ainda mais informal na atualidade. O autor considera a possibilidade de a crônica ser um gênero tipicamente brasileiro, dado suas características principalmente de texto curto, com humor e relato despretensioso. Além disso, considera que esse gênero se consagra após a década de 1930, principalmente por meio de cronistas como Rubem Braga e Carlos Drummond.

Apesar da linguagem simplificada, Candido não diminui a profundidade da reflexão que pode ser gerada por uma crônica. Uma crônica é capaz de fazer com que o homem reflita sobre seus atos e sentimentos, argumenta, além de serem textos que podem aprofundar uma crítica social. O autor também trata o humor presente na maioria das crônicas como um modo privilegiado de atrair, inspirar e amadurecer reflexões dos leitores sobre diversos assuntos, tais como tipos humanos, relatos de acontecimentos, cenas inusitadas, entre outros. Candido afirma

também que, com o tempo, a crônica deixou sua função de informar e comentar sobre algo para outras seções do jornal, ficando principalmente com a de divertir.

A linguagem da crônica é geralmente informal e muito ligada à oralidade de centros urbanos. Portella (1958) considera a crônica como um tipo de registro dos fatos e coisas da cidade, incluindo sua linguagem, uma vez que se trata de uma língua dinâmica e que mostra a vida da cidade. Por outro lado, Sá (1987, p. 10) aponta a necessidade de não considerar a linguagem da crônica como estritamente oral e tal qual é falada na cidade, mas um tipo de recriação da oralidade de modo mais elaborado.

No que tange às características do discurso da crônica, Ribas e Domás (2009, p. 8) propõem que esse gênero seja entendido como um tipo de “conficção”. Isso significa que a ficção, a confissão e o fato dialogam na crônica de modo híbrido, isto é, com uma fronteira tênue e de difícil separação entre um e outro.

A respeito de outros tipos de crônica, Cony (1998) considera que também há a crônica esportiva, a social, a policial, a política e a econômica, e que essas se diferenciam do artigo de opinião porque se centram no “eu” do autor. Entretanto, Simon (2011) e Ribas & Domás (2009) ressaltam que uma descrição e uma distinção entre esses textos são necessárias, pois a maioria não possui características literárias.

O suporte da crônica poderia influenciá-la ideologicamente. Sá (1987, p. 7 e 8), por exemplo, afirma que esse gênero relata um fato dirigido a um público específico, isto é, ao leitor do jornal. O autor considera que isso significa um tipo de limitação ideológica da crônica, uma vez que, supostamente, a crônica deve ter o mesmo tipo de tendência ideológica do seu veículo. O autor também afirma que o fato de a crônica dividir espaço com diversas matérias faz com que o cronista seja o mais sucinto possível, ou seja, o jornal influenciou o tamanho curto de uma crônica.

Esse suporte, ou veículo de comunicação, também poderia contribuir para a efemeridade da crônica. Nunes (2005, p. 2), por exemplo, considera que o fato de um jornal geralmente ser feito para durar um dia faz com que a crônica diária também possua esse caráter transitório. De modo análogo, Candido (1992) considera que uma crônica não é um texto feito com intenções de ter longa duração, mas isso tende a mudar quando esse gênero muda de suporte, no caso, do jornal ao livro. Com um pensamento mais otimista em relação à durabilidade da crônica,

Drummond (1999) assinala que crônicas escritas há mais de um século hoje são vivas como antes, pois, apesar de os acontecimentos perderem sua atualidade, a crônica não perde.

Na próxima seção são discutidas as categorias usualmente observadas na descrição e análise de gêneros textuais, a saber, a estrutura composicional, o conteúdo temático, o estilo, o propósito comunicativo e o domínio discursivo. Somadas às discussões feitas até agora, essas categorias ajudam a descrever um gênero e funcionam como um tipo de critério a ser observado nas produções textuais de crônicas dos alunos deste trabalho.

2.1 Sugestão de descrição do gênero crônica

Entendemos por gênero textual um tipo relativamente estável de enunciado presente em todas as interações humanas. Esses enunciados, de número indefinido, se caracterizam por sua organização composicional, conteúdo temático, estilo e propósito comunicativo, geralmente vinculados a um tipo de esfera social comunicativa característica (BAKHTIN, 1992).

Koch e Elias (2014, pp. 110-111) consideram que a estruturação composicional diz respeito à forma de organização, distribuição de informações no texto e elementos não verbais, tais como cor, padrão gráfico, entre outros. No caso da crônica, consideramos que essa estruturação se dê em um texto em prosa geralmente curta, podendo ser composto ou não por diálogos, a partir de uma situação inicial ou núcleo narrativo ficcional ou não, com uma complicação, um clímax e um desenlace. Trata-se apenas de uma sugestão de configuração altamente mutável e não válida, por exemplo, para uma crônica esportiva, também utilizada neste trabalho.

Em relação à estrutura composicional da crônica esportiva, não consideramos comum que haja um núcleo ficcional e tampouco um diálogo, apesar de ser um texto em prosa e também curto. Entretanto, convém destacar, seu propósito comunicativo é antes o de opinar sobre um assunto mais específico, necessariamente ligado ao esporte.

Além de fazer considerações a respeito das questões formais desses gêneros, devemos considerar as aceções acerca de forma e função. Marcuschi (2008, p. 159) realça a necessidade de entender os gêneros como entidades comunicativas nas quais não a forma, mas a função tem papel predominante em sua categorização. Todavia, parece-nos difícil estabelecer um propósito comunicativo único para um gênero mais próximo do domínio discursivo da literatura. Seria o propósito da crônica o de contar uma história sem muitas preocupações? Seria apenas o de

entreter e de divertir, como afirma Antonio Candido? Afinal, qual o propósito comunicativo de um conto ou de um romance?

Por domínio discursivo entendemos uma esfera da vida social ou institucional, tais como o jornalístico, religioso, jurídico ou pedagógico, nos quais práticas de interação organizam formas de comunicação e estratégias de compreensão (MARCUSCHI, 2008, p. 194). Nesse sentido, acreditamos que o domínio discursivo ficcional no qual a crônica foi enquadrada por Marcuschi (2008, p. 196) também possua uma fronteira com o domínio discursivo jornalístico. O referido autor categoriza a crônica no domínio discursivo ficcional juntamente com a épica, poemas, contos, dramas entre outros gêneros. Já gêneros tais como editoriais, reportagens, capas de revista, entrevistas jornalísticas e resumos de filmes, entre outros, Marcuschi os considera como pertencentes ao domínio discursivo jornalístico. Em nossa acepção, a crônica literária transita facilmente entre um e outro domínio discursivo, ficcional e jornalístico, enquanto a crônica esportiva se prende ao jornalístico.

Já o conteúdo temático é o conteúdo geralmente veiculado em um gênero e a expectativa a ser correspondida por um interlocutor na leitura de determinado gênero textual (TRAVAGLIA, 2007). No caso da crônica, destacamos como características desse conteúdo um texto sobre ocorrências do cotidiano, as quais são desenvolvidas geralmente por um narrador, personagem que pode ser ou não o cronista, com uma expectativa de que seja um relato mais informal, leve e com presença de humor.

Por outro lado, o conteúdo temático de uma crônica esportiva nos parece mais objetivo, opinativo e circunscrito a acontecimentos esportivos. Parece-nos que a crônica esportiva provoca uma expectativa um pouco mais previsível em relação a seu conteúdo, visto que uma crônica literária pode versar sobre qualquer assunto.

A categoria estilo se refere a toda seleção linguística feita pelo produtor do texto tendo em vista seu interlocutor e sua interação verbal, conforme Bakhtin (1992). Isso significa que as escolhas lexicais e morfosintáticas do texto dizem respeito ao estilo, tal como o grau de mais ou menos formalidade advindos dessas escolhas, por exemplo. Consideramos que ambos os tipos de crônicas possuem estilo que consideramos informal, com um léxico relativamente simples e relativa liberdade de construção morfosintática.

Para além das considerações teóricas, Ribas e Domás (2009) sugerem algumas estratégias para didatização da crônica. Como alternativas para levar a crônica para a sala de

aula, as autoras sugerem a produção de uma narrativa ficcional baseada em um fato do cotidiano; a produção de crônica medieval; a leitura coletiva e interpretativa de crônicas escolhidas por alunos; a exposição das produções dos discentes em meios digitais como os *blogs* e a encenação e produção de novos diálogos de crônicas. Já nossa transposição didática desse gênero textual, desde a seleção dos textos até sua aplicação em sala de aula, é detalhada na seção de metodologia a seguir.

3 Metodologia

Orientamo-nos pelo paradigma de pesquisa qualitativa (DENZIN e LINCOLN, 2006) e selecionamos 3 das 28 produções textuais para análise. Foram escolhidos dois tipos de crônicas para apresentar o gênero aos alunos, totalizando quatro textos, sendo dois de cada tipo. O primeiro tipo de crônica apresentado foram os textos *De mel a pior*, de Fernando Sabino, e *Desabafos de um bom marido*, de Luís Fernando Veríssimo, os quais consideramos como crônicas literárias. O segundo tipo pertence ao gênero crônica esportiva. Para esse tipo de crônica, foram selecionados os textos *Adiós Colombianos*, de Adriano Vieira, e *Exemplos de Superação*, de Fernando Carvalho.

Os dois primeiros textos, de Sabino e Veríssimo, são crônicas com grande presença de humor, o qual é construído ao longo de narrativas curtas sobre um tema do cotidiano, de forma leve e ligeira, mas que estimulam grande reflexão. No primeiro, *De mel a pior*, destacamos o núcleo narrativo constituído por uma inusitada conversa por telefone entre dois supostos amigos acerca da regência de alguns verbos. Nessa crônica, chamamos atenção para a questão da variação da linguagem no que concerne à distância entre a norma culta e a linguagem utilizada por uma das personagens, além de como esse conflito linguístico pode ser risível no gênero inadequado, como uma conversa informal entre amigos. Já no segundo texto, *Desabafos de um bom marido*, destacamos como o narrador utiliza a ambiguidade e a ironia para expor sua vida conjugal com a esposa. Essa duplicidade de sentido e quebra de expectativas constrói uma narrativa bem humorada do começo ao fim.

O objetivo de trabalhar a crônica esportiva junto com as primeiras crônicas foi de não apenas fornecer mais uma variedade desse gênero, mas também de marcar a diferença entre um e outro texto. Em nossa avaliação, as crônicas esportivas trabalhadas pouco ou nada têm de literário, mas geraram uma identificação imediata dos alunos e grande engajamento em sua interpretação.

Ambas as crônicas esportivas são claramente opinativas. A primeira, chamada *Adiós Colombianos*, trata da comoção dos brasileiros após a eliminação de uma equipe colombiana de um campeonato por um time japonês. Essa comoção é gerada pelo movimento de solidariedade que os colombianos tiveram com o Brasil, conforme relata o autor, após a tragédia de avião com a equipe de futebol da Chapecoense, em novembro de 2016.

A segunda crônica esportiva se chama *Exemplos de superação* e trata de como alguns atletas conseguiram superar diversos obstáculos em sua história, tendo como ponto culminante as Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. O cronista utiliza exemplos como o da judoca Rafaela Silva, a qual tinha sido eliminada por um golpe irregular nas Olimpíadas de Londres, em 2012, e tinha sofrido racismo e *bullying* na internet após o evento. O autor relata como a judoca soube superar todos esses problemas e alcançar o ouro em 2016, servindo de exemplo para milhões de pessoas.

Após terem sido feitas as leituras e discussões de todas crônicas, propusemos uma produção de texto inicial desse gênero. Essa produção inicial poderia ser de uma crônica mais literária e narrativa, tal como os textos de Sabino e Veríssimo, ou menos literária e mais opinativa, tal como as crônicas esportivas. O texto seria dirigido aos próprios alunos e, quando reescritos, seriam expostos no mural da escola.

A proposta foi elaborada conforme a seguinte orientação:

Escolha uma das alternativas a seguir e produza uma crônica, a ser exposta no mural da escola, e que deve possuir entre 25 e 30 linhas. Essa crônica pode ser:

- a. Uma crônica sobre algo que tenha acontecido com você ou com outra pessoa, a partir de uma história real ou inventada.
- b. Uma crônica esportiva sobre qualquer jogo que você tenha assistido de qualquer esporte, histórias de atletas, exemplos de superação etc.

4 Análise

No total, foram produzidas 28 crônicas. Desse total, 20 alunos escolheram e desenvolveram uma crônica a partir da opção A, enquanto 8 alunos optaram pela opção B e produziram uma crônica esportiva.

Optamos por analisar três produções de texto, sendo duas crônicas da opção A e uma da opção B.

Nessa análise, descrevemos a estruturação da crônica do aluno do ponto de vista do conteúdo temático, estrutura composicional, estilo, domínio discursivo e propósito comunicativo (BAKHTIN, 1992; KOCH e ELIAS, 2014, MARCUSCHI, 2008), conforme os pressupostos apresentados na seção 2. Os desvios em relação à norma culta do português não são o foco dessa análise, constituindo-se tão somente como uma pista para a categorização do estilo dos textos em questão.

Texto 1

“Rolê com as amigas

Um dia chamei meus amigos para sair, fomos para a praça, Lara comeu tudo que podia, Poli bebeu milk shake eu e Mariana bebemos agua e ficamos loko demais ???² mas ficamos felizes, descemos a rua correndo igual o Usain Bolt e pulamos a bola do camelô, nos demos de cara com o chão e fomos pra UPA.”

Nesse texto, o narrador-personagem constrói uma história curta sobre um acontecimento aparentemente usual em sua rotina, mas de final inusitado e merecedor de um relato. Trata-se de um texto com estilo mais informal, conforme atesta, principalmente, o longo período no qual se organiza toda a crônica, com excesso de informações semânticas devido aos eventos pouco detalhados, como discutido a seguir. Seu propósito comunicativo é fazer um relato do cotidiano baseado em um episódio de seu cronista-narrador. Nesse sentido, o domínio discursivo dessa crônica nos parece menos ficcional do que o texto discutido em (2), a seguir, por exemplo.

O conteúdo temático pareceu-nos adequado ao que geralmente se escreve e se espera de uma crônica, isto é, um narrador personagem que conta, em prosa curta, mas sem diálogos, um episódio de seu dia a dia. Com relação à estrutura composicional, pareceu-nos que há um núcleo narrativo pouco desenvolvido para cada tipo de evento. Em uma narrativa, o pretérito imperfeito geralmente tem a função de estruturar a cena por seu aspecto mais estático e não pontual, enquanto o pretérito perfeito introduz novos acontecimentos (AZEVEDO, 1995). No texto (2), o único uso do imperfeito é o de “comeu tudo que *podia*” (grifo nosso). No entanto, a forma

² Palavra ininteligível no original.

verbal *podia*, nesse caso, parece-nos uma modalização do evento “comeu” e não um verbo em imperfeito do indicativo estruturando uma cena de narração, por exemplo, como “ela comia”.

Por outro lado, os verbos em pretérito perfeito evocam o total de dez eventos distribuídos em apenas quatro linhas de narrativa: chamei, fomos, comeu, bebeu, bebemos, ficamos, ficamos, descemos, pulamos, demos e fomos. Em nossa avaliação, esse excesso de eventos e carência de desenvolvimento maior de cada um deles em um espaço tão curto torna a crônica um tipo de *flash* de memória do narrador. Convém destacar, porém, que esse excesso de eventos culmina em algo inesperado para um passeio, a ida ao hospital, rende um leve tom de humor para a narrativa.

Texto 2

“A bagunça dos bichos

A galinha da mulher do meu vizinho, de vez enquanto pula para o terreiro do amigo, mais isso é um segredo deles. Um dia o chifrudo do meu vizinho viu a galinha da Mulher pulando o muro. desconfiado ele começou a observar a galinha e reparou que ela pulava só quando o chifrudo do marido dela saía. Um dia o chifrudo fingiu que ia sair mais foi para a casa do amigo seu amigo sabendo que estava na hora da galinha pular começou a suar frio e querendo que o chifrudo fosse embora começou a jogar indiretas para que ele fosse embora mas o chifrudo insistiu queria ver a galinha da mulher pulando o muro. de tanto insistir eles foram para dentro da casa, mais o chifrudo ficou observando a galinha da mulher pular. Mais eles começaram a conversar e se distraíram. como já esperado a galinha pulou mais o chifrudo estava enganado a galinha pulava era para a casa do irmão do chifrudo. O famoso cachorro. o chifrudo ficou triste porque estava desconfiando do amigo, mais ficou sabendo que o cachorro do seu irmão que era o vilão era esse cachorro que fez os pintinhos da galinha da sua mulher ficar um pouco diferentes. sabendo disso o chifrudo avisou para o galo, mais o galo nem ligou muito porque ele também fez os cachorrinhos nascerem diferentes.”

Nessa crônica, um narrador observador conta um episódio que expõe a vida conjugal e extraconjugal de seus vizinhos. O propósito comunicativo desse texto é, basicamente, o de contar uma história com grande duplicidade de sentido. Esse propósito comunicativo se junta ao conteúdo composicional típico de uma crônica de humor, isto é, um narrador observador relata um fato do cotidiano, ainda que fictício, com um núcleo narrativo que se desenvolve rapidamente com um final inesperado e risível. Esse humor, típico como conteúdo temático em crônicas, ocorre principalmente devido à ambiguidade lexical a partir da qual se infere um comportamento prototípico das personagens humanas mascaradas por nomes de animais.

Desenvolvida em prosa curta, sem diálogos, com complicação, clímax e desenlace, constatamos uma estrutura composicional adequada para uma crônica. Apesar de completa nesse sentido, convém destacar que há uma sobrecarga semântica para o leitor devido à grande quantidade de eventos, introduzidos pelo pretérito perfeito do indicativo, em apenas um longo parágrafo.

O estilo dessa crônica é marcado pela linguagem coloquial e registros da fala na escrita. Marcas como a não segmentação de palavras, tais como “enquando”, em vez de “em quando” e a ditongação da conjunção “mas”, escrita como “mais”, podem ilustrar essa interferência. Já o domínio discursivo de *A bagunça dos bichos* é claramente ficcional, diferente do texto (1), um relato menos ficcional.

Texto 3

“Adeus Champions

PSG vence o barcelona de 4x0, 2 de DI MARIA ele deu show, um gol de DRAXLER e 1 de CAUANI, noite boa para os aniversariantes DI MARIA E CAUANI.

A derrota causa polemica para eles BARCELONA que se diziam “O MELHOR CLUBE DO MUNDO” provavelmente da Adeus a Champions.

PROCURA-SE TRIO MSN (emoticon de “chorando de rir”) kkk

Já o time rival real Madrid vence o NAPOLI POR 3X1 de virada e busca o 12º titulo da Champions. Com gols de T.KROS, BENZEMA e CASEMIRO e INSGNE para o NAPOLI.“

Nessa crônica esportiva, o aluno narra a derrota do time de futebol do Barcelona para a equipe do Paris Saint-Germain (PSG). Seu propósito comunicativo é dar uma opinião sobre um jogo de futebol e não apenas fazer um relato da partida. Trata-se de um conteúdo temático esperado e adequado para uma crônica esportiva, tal como as crônicas esportivas de estímulo utilizadas. Já seu domínio discursivo se assemelha mais ao jornalístico do que ao ficcional, ainda que ambos, conforme seção 2.1, possam se inter cruzar.

A estrutura composicional dessa crônica se baseia em um tipo de resenha curta sobre um jogo, escrita em prosa e com a avaliação do autor sobre a partida e julgamentos sobre seus participantes e consequências. Expressões como “ele deu um show” mostram essa avaliação e mostram que a tipologia argumentativa também pode perpassar esse tipo de crônica.

Em relação ao estilo, trata-se de um texto muito informal e que parece apoiar-se demasiadamente no juízo do autor como argumentação mais forte do que os próprios acontecimentos, pois não há muitos detalhes da partida. Parece-nos perfeitamente aceitável o comentário “PROCURA-SE TRIO MSN”, supostamente iniciais dos nomes de alguns jogadores do Barcelona, tanto onde foi colocado tanto quanto em um título da crônica. No entanto, o *emoticon* desenhado após esse comentário, bem como uma das formas que alguns falantes de português brasileiro expressam coloquialmente uma risada em ambientes digitais, como “kkk”, mostram uma inadequação para a produção de texto solicitada e um tipo de dificuldade do aluno em escolher o gênero mais adequado para isso.

5 Considerações finais

Neste trabalho, foi feita uma discussão acerca do gênero crônica, tanto do ponto de vista teórico quanto dos resultados de sua aplicação prática em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Os resultados de nossa transposição didática mostraram que o uso de crônica na sala de aula é promissor, visto que as produções analisadas seguiam o conteúdo temático, estrutura composicional e estilo de uma crônica, ainda que alguns textos mostrassem alguns desvios em relação à norma culta do português.

Em geral, houve grande interesse pelo gênero, principalmente pelo humor presente nas crônicas utilizadas, além de grande participação nas aulas sobre crônicas esportivas. Por essa razão, sugerimos que o professor invista em mais transposições didáticas para esse gênero textual em sala de aula, além de propor novas descrições que apurem o entendimento e avaliação sobre esse gênero textual.

6 REFERÊNCIAS:

ANDRADE, C. D. Uma prosa com Carlos Drummond de Andrade. *Caros Amigos*. São Paulo: nº 29, pp. 12-15, agosto, 1999.

AZEVEDO, A. M. T. Tempo, modo e aspecto na estruturação do discurso narrativo. *Revista de Estudos Linguísticos*, ano 4, v. 2, pp. 179-195. Belo Horizonte, 1995. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2016/3404-1468082916.pdf> acesso em 05/06/2017

ARAGÃO, M. S. S. Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras. *XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística da América Latina*. João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/r0395-1.pdf> acesso em 05/06/2017

- BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1953].
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. *Para gostar de ler: crônicas*.
- CARVALHO, F. Exemplos de superação. *Jornal O Diário* de 29/12/2016. Disponível em: <http://www.odiarionline.com.br/noticia/60198/EXEMPLOS-DE-SUPERACAO> acesso em 05/06/2017
- CONY, C. H. A crônica como gênero e como antijornalismo. *Folha de São Paulo*. 16/10/1998.
- CUNHA, C. CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.
- DENZIN, N. LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre, Artmed, 2006, pp. 15-41.
- FABRINI, L. C. Adiós, colombianos. *Jornal O Diário* de 16/12/2016. Disponível em: <http://www.odiarionline.com.br/noticia/59875/ADIOS-COLOMBIANOS> acesso em 05/06/2017
- KOCH, I. V., ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- NEVES, M. S. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: _____. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL11-Art7.pdf> acesso em 05/06/2017
- NUNES, R. V. Da crônica à história: reflexões sobre as crônicas de Carlos Heitor Cony. *Anais do ANPUH- XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina: 2005. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/?p=16379> acesso em 05/06/2017
- PORTELLA, Eduardo. *Dimensões 1*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- RIBAS, M. C. C.; DOMÁS, M. S. M.; PESSANHA, K. S. A crônica em sala de aula: trabalhando com um gênero menormENORMEnormenor. *Revista Soletras*. Ano IX, nº 18. São Gonçalo: UERJ, 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/7026/4966> acesso em 05/06/2017
- SÁ, J. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.
- SABINO, F. De mel a pior. Disponível em:

<http://livroerrante.blogspot.com.br/2011/12/cronica-nossa-de-cada-dia-de-mel-pior.html>
acesso em 05/06/2017

SIMON, L. C. S. *Duas ou três páginas desprentensiosas* – a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: EDUEL, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *Revista Alfa*. Nº 51 (1), pp. 39-79. São Paulo, UNESP, 2007. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1426/1127> acesso em 05/06/2017

VERÍSSIMO, L. F. *Desabafos de um bom marido*. Disponível em:

<http://mais.uol.com.br/view/e8h4xmy8lnu8/-desabafos-de-um%20bom-marido--luis-fernando-verissimo-04023364D4B90346?types=A&> acesso em 05/06/2017

VIEGAS, A. C. C. A crônica na sala de aula da educação básica. *Revista Interdisciplinar*. Ano IX, v. 21, jul/dez. 2014, pp. 49-58 Itabaiana: UFS, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/viewFile/2583/2208> acesso em 05/06/2017

Recebido em: 21/03/2018

Aceito em: 25/08/2018